

**MINHA CUCA
FICAR ODARA**

Nosso design gráfico tem uma identidade brasileira?

61

Se você sentiu uma vontade incontrolável de pular para o próximo texto ao ler este começo, não se precipite: tal pergunta me provocou a mesma sensação nas inúmeras vezes em que a encontrei por aí. Já encontrei-a em simpósios de estudantes. Em artigos. Em livros. Em Bienais da ADG. Em palestras. Em reuniões. Com certeza, a pergunta mais insistente da história do design gráfico brasileiro. Se somos americanizados ou germanizados não importa. Para os proponentes de tais debates o que importa é que somos colonizados e ponto. Deveríamos tomar vergonha na cara e seguir os exemplos da música e do futebol, nossos mais genuínos e reconhecidos

artigos para exportação. Mesmo incorporando elementos estrangeiros, ambos mantiveram intactos o suingue, a ginga e a alegria que são a marca desta terra abençoada por Deus. Até John Warwicker, incensado designer britânico do grupo Tomato, decepcionou-se profundamente ao visitar a sexta Bienal de Design Gráfico (em 2002). Achou que faltavam coisas com cara de Brasil.

Naquele dia, depois de ouvir a decepção do inglês, peguei meu carro para voltar do Sesc Pompéia (onde se realizava a exposição) até a Rex. No curto caminho, tentei manter o olhar atento a fim de conseguir enxergar aquele Brasil de que tantos falavam. Peguei a Francisco Matarazzo, com o Parque Antártica e o *shopping* West Plaza de um lado e do outro a Estação de trem da Barra Funda, e não o encontrei. Peguei então a Avenida Sumaré. Vi oficinas mecânicas, bingos, lojas de lingerie e churrascarias. Mas o Brasil pelo qual clamava Warwicker eu não vi não.

Eu sou brasileiro. Só morei no Brasil, só estudei no Brasil e só trabalho no Brasil. Cresci num apartamento típico de classe média em São Paulo. Da minha janela eu não via a mulher brasileira desfilando sua sensualidade ou uma roda jogando capoeira. Da minha janela eu via um ponto de ônibus e uma padaria. Eu não saía correndo pelo

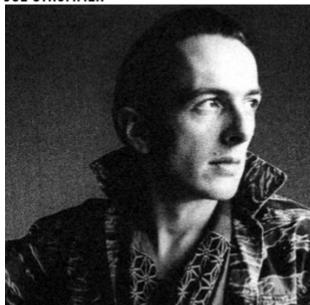
pomar colhendo fruta no pé, eu ia até a tal padaria comprar uma Coca-Cola e um Cebolitos. Não assistia ao pôr-do-sol na praia todo fim de tarde, me sentava no sofá e ligava a tv. Era o que dava para fazer. E se quem cantava meu hino de juventude era Joe Strummer¹ “*we ain't got no swing*” e não Caetano Veloso² “*deixa eu dançar que é pro mundo ficar Odara*”, porque eu deveria me sentir um idiota colonizado? Só porque o Clash era inglês e Caê de Santo Amaro da Purificação? Afinal, qual dos dois estava dizendo algo que fazia sentido na minha vida?

Sim, eu poderia sair por esse Brasil e conhecê-lo de verdade. Poderia ir até aquelas vilas de pescadores da Bahia sem luz elétrica. Usar um colar indígena. Passar o Carnaval no Recife. Até descobrir o que diabos significa “*ficar Odara*” eu talvez conseguisse. Poderia, enfim, descobrir pessoas e lugares antes desconhecidos. Talvez até gostasse de alguns. Mas todas essas experiências seriam experiências turísticas, não mudariam quem eu sou. Não mudariam minhas raízes nem minha essência. E isso não é uma questão de “abrir a cabeça” (para usar mais um termo Odara), nem de que moradores das gran-

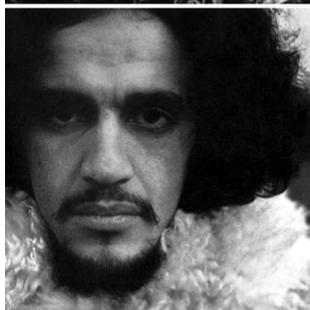
¹ Joe Strummer (1952-2002) *Músico inglês (apesar de nascido na Turquia por causa do pai diplomata), líder da banda The Clash que entre 1976 e 1982, quando o guitarrista Mick Jones foi 'dispensado', gravou clássicos como The Clash (1977) e London Calling (1979).*

² Caetano Veloso (1942-) *Músico brasileiro, apesar de algumas pessoas (ele próprio, inclusive) o considerarem muito mais do que isso .*

JOE STRUMMER



CAETANO



des cidades são as grandes vítimas da indústria cultural imperialista e seu *way of life*. É questão de assumir minha real identidade cultural. A mesma questão dos negros da Bahia reafirmando sua ascendência africana e das tribos indígenas lutando para preservar seus hábitos e tradições. Se ambos os casos são bem vistos pelas pessoas ‘conscientes’, porque estas mesmas pessoas não assumem logo que são descendentes de italianos do industrial bairro do Ipiranga e não desapegados caboclos da vila baiana de Moreré? Sim, falamos a mesma língua e torcemos pelo mesmo time em Copas do Mundo, mas um seringueiro da Amazônia e eu não temos as mesmas referências culturais nem os mesmos valores, o que constrói aquilo que chamamos de identidade. E somos brasileiros na mesma medida.

A busca por uma linguagem gráfica que reflita de forma indiscutível o que é ser brasileiro esbarra então não em uma falta de consciência por parte dos designers gráficos. Esbarra sim no fato de que ‘ser brasileiro’ pode significar muitas coisas. O Brasil alegre e colorido existe, mas é diferente do meu. O Carnaval do Rio de Janeiro faz sentido como expressão cultural para aqueles cujo samba e sua escola são partes da vida cotidiana. Para os outros, sejam paulistas ou austríacos, é passeio. Se em design gráfico houve um dia a chance de construirmos uma

linguagem única e nacional, essa chance já passou — e não faz pouco tempo não. Medir a “brasilidade” de um projeto gráfico em virtude da existência de elementos folclóricos (explícitos ou não) é ridículo.

Hoje de manhã, após meu repetitivo passeio matinal de domingo, parei em uma banca de jornal e fiquei lendo as capas de revista. Uma conhecida revista semanal estampava a manchete de que o brasileiro precisava levantar sua auto-estima. Dizia o porquê: “*Na Europa, o Brasil está cada vez mais na moda*”. Qual Brasil? Com certeza o Brasil que Warwicker quis ver. Com certeza o Brasil exótico e sensual. Se nosso objetivo então for apenas o de “estar na moda” em Paris ou Milão e fazer os gringos nos examinarem de forma simpática, está fácil. Se nosso objetivo for outro, porém, é melhor abriremos os olhos. Aceitarmos que somos diversos e difusos. Estimular e valorizar culturas locais, desde que produzidas por pessoas a quem essas referências sejam de fato parte de suas raízes passadas ou presentes. Cada um de nós deve descobrir quem realmente é e redigir sua própria lista de valores culturais. Listas individuais que só se tornarão coletivas *a posteriori*, quando um grupo descobre partilhar de valores semelhantes. Toda tentativa de se criá-la primeiro na escala coletiva tende a não criar nada. Quando o processo ocorre de forma au-

têmica, reflete de forma verdadeira quem o produziu, sua época e seu lugar. E — equação primária — reflete também sua cultura.

O Além Ponte é um bairro operário da pouco glamourosa Sorocaba, e é de lá que vem toda minha família. A Barra Funda e Perdizes são bairros classe média entupidos de prédios da São Paulo de onze milhões de habitantes, e fui lá que cresci. É isso o que sou. O que sempre serei. Se algum dia meu trabalho vier a apresentar em sua parcela autoral qualquer referência essencial externa a isso — venha ela da Amazônia ou de Nova York — será somente o sinal de que, não conseguindo andar por minhas próprias pernas, solicitei o auxílio hipócrita de alguma muleta metida à besta.